

Introdução

Considerando as exigências corporais culturais e históricas e o lugar dos idosos na atual sociedade, esta pesquisa se propôs a investigar a relação com o corpo de um grupo de idosos, que frequentavam um Centro de Convivência de uma cidade no interior do estado de São Paulo. Para isso, destacamos a importância do movimento corporal na produção de subjetividades e suas implicações, ligadas aos modos de se viver e se relacionar com o corpo na produção de novos agenciamentos, na abertura dos corpos aos afetos produzidos nos encontros.

Nesta investigação, tivemos como objetivo atuar na mobilização das concepções comumente pronunciadas a respeito dos idosos e dos corpos envelhecidos como incapazes e precários. Nosso investimento volta-se para outros prismas, considerando as produções de subjetividades que podem acontecer ao propormos práticas corporais e de movimento para esse público, as novas relações com os corpos e as outras conexões a partir dos encontros entre corpos e dança, verificando, assim, a efetividade da intervenção com o uso da dança e do movimento para mudanças na produção de subjetividade do idoso.

Desse modo, buscamos analisar as relações construídas pelos idosos, considerando a capacidade produtiva e criativa dos corpos e questionando os padrões estéticos corporais atuais, produzindo novos afetamentos, corporeidades e subjetividades, outras relações entre os corpos e o mundo.

Afetos e encontros: corpos e subjetividades em movimento

Para Breton (1995) o corpo é vivido na sociedade atual como algo individual e isolado, tendo valor no que é externo a ele. O corpo vive desse modo, a pressão por atingir uma exigência para ser aceito socialmente, sendo que, aqueles que não se enquadram no padrão, estão sujeitos a preconceitos e estereótipos.

Há, na sociedade atual, uma fascinação pela estética, haja visto o aquecimento do consumo e o estrondoso aumento do oferecimento de produtos cada vez mais especializados nesse mercado, de maneira que os indivíduos têm cada vez mais tendência a investir em busca por certo corpo, a fim de torná-lo conforme tais ideais de beleza e juventude. As mídias colaboram e fortalecem esta visão, mostrando sempre os belos corpos jovens, magros e atléticos e, como alvo de sátiras, seus opostos.

Diante desse cenário, nessa mesma sociedade, a velhice está associada a perdas que levam ao isolamento, a uma imagem negativa, à perda de papéis sociais e à precariedade das condições de vida, em imagens que são associadas a esse momento da vida. Podemos citar que os corpos envelhecidos dos idosos sofrem o desgaste da saúde e da idade e que, diante disto, não se enquadram nos padrões impostos pela mídia, reduzindo, pela fortificação dessas imagens e crenças, as possibilidades de potencialização criativa da vida ali presente. O olhar social se foca no corpo idoso em suas limitações, naquilo que ele não possui, nas faltas que se instalam em função do avanço da idade.

Guattari (1992) pensa a subjetividade como algo sempre em produção; ao se voltar para o corpo, trata-se de uma produção que envolve instâncias individuais, coletivas e institucionais, não se limitando apenas a uma disciplina ou instância dominante. A subjetividade, para o autor, é um conjunto de condições e relações, o que torna possível o surgimento de uma nova forma de pensar as constituições individuais e coletivas.

Segundo os autores Guattari e Rolnik (1986) existe a produção de uma subjetividade

capitalística em composição com a vida, visando atender as existências globais do sistema do capital, construídas por equipamentos coletivos (midiáticos, tecnológicos), produzindo um “inconsciente maquínico” do capitalismo, que está, a todo tempo, capturando as relações, os discursos, os corpos, fazendo-os produzirem a favor de um mercado de consumo e retirando a potência de vida e de singularização dos corpos envolvidos. Tal inconsciente maquínico capitalístico refere-se a conexões inconscientes de forças, que produzem certa subjetividade. Deste modo, entende-se que uma subjetividade se dá na constituição não de um sujeito único, mas de sujeitos-mundo.

As relações com os padrões corporais agenciam toda uma indústria de produção, desde produtos de beleza até terapias e medicamentos para patologias ligadas a tais padrões dos corpos e dos modos de vida, produzindo subjetividades submissas a essa lógica das relações.

Para Guattari (1999) as produções de subjetividades capitalísticas estão ligadas à construção de individualidades, à percepção do próprio corpo em relação a um modelo ideal, com base em padrões socialmente definidos; ou seja, a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social, e os cuidados com o corpo e com a saúde estão no centro deste processo maquínico.

Mesmo com toda essa modulação social que vivemos nas relações com os corpos e com a própria saúde, sempre haverá escapes e processos de singularização que fazem fugir todo direcionamento da vida ao consumo. Existem nesses fluxos vontades de produção de novos encontros, de afecções que componham outros tipos de subjetividades, que descolem as produções subjetivas do capital, que retirem os corpos das relações de submissão aos padrões e aos discursos de beleza e saúde. Trata-se das produções de outras saúdes, uma saúde que pouco tem haver com as adaptações requeridas por essas relações com um meio cultural, que prima pela falta e pelo déficit. Antes, trata-se de uma saúde que produz certa poética ao criar novas relações com os corpos e com a vida.

Uma espécie de “saúde poética”, que nada tem haver com uma saúde psíquica estável e bem adaptada. Esta última se avalia efetivamente segundo o critério de fidelidade a um código, resultante de um processo equilibrado de identificações do ego com imagens dos personagens que compõem o mapa oficial do meio em que se vive (Rolnik, 2006, p. 7).

Diante dessas concepções, nas oficinas de movimento que propomos junto a idosos, houve uma implicação com a potência clínica desses processos poéticos de produção de uma dança e de relações outras com os corpos. Uma mistura entre arte e clínica, que se alia à criação de um terreno híbrido na abertura dos corpos, para a produção de uma clínica poética.

Construímos um trabalho em oficinas de movimento, que se propôs a intervir nos regimes de relações dos afetos entre corpos, contando com nossos encontros iniciais com movimentos estáveis e enrijecidos. Frente a isso, procuramos tatear tais campos e criar abalos que abrissem os corpos à invenção de outros modos de relação. Há sempre um processo descontínuo, com regressões, desistências e também enfrentamentos e criações de novos modos de relação, buscando as linhas de potência nesse processo e abandonando as de destruição. O que está em jogo nesse processo são os corpos e as relações construídas a todo tempo a partir dos encontros.

Gil (2004) apresenta uma visão do corpo que, ao entrar em movimento, produz novos sentidos de suas próprias produções, e afirma que o corpo que dança se modifica e se configura em corpo instável, não como um sistema mecânico. Compõe mais que um corpo físico, é também composto pelas marcas da subjetividade, sendo esta entendida como espaço de conexões coletivas, que se relaciona com o mundo e é afetada por esses encontros.

Segundo Deleuze (1999, p. 47), “(...) o movimento é o próprio ato da potência. Fazer o movimento é passar ao ato, estabelecer a relação humana”. Os encontros dos corpos tornam

possíveis variáveis campos de experimentação, que excedem a organização do que é planejado, permitindo a vivência e proporcionando uma transformação destes corpos. Esta transformação é possível através da movimentação dos corpos, que são essencialmente dançantes e potencializadores da vida.

Deleuze (2002) define o corpo em duas maneiras: a primeira de que o corpo tem uma infinidade de partículas que compõe as relações de repouso e de movimento, de velocidade e lentidão e, entre essas partículas, define-se um corpo. A segunda é vista de outro lado, a partir de um corpo que afeta outros corpos ou é afetado por eles, sendo este poder de afetar e de ser afetado o que define o corpo na sua individualidade.

Deste modo, Deleuze (2002) aponta que as coisas se definem pela capacidade de criar agenciamentos de movimentos e afetos, não sendo possível prever antecipadamente as capacidades de afeto dos corpos, mas sim através da experimentação e da construção de um plano de imanência, plano vinculado às forças que acontecem no presente, sem deixar de atuar concomitante no passado e no futuro.

Assim, em busca de potencializar as relações de vida, apostamos em uma prática de movimentos que se propôs enquanto clínica, que se ocupou com as diferentes produções de subjetividade e com os afetos produzidos por cada encontro.

Caminhos Percorridos

Decisões de percursos

Baseamos a escolha metodológica nos conceitos de Guattari e Rolnik (1996) com relação à subjetividade, de que esta não implica em uma posse, mas sim na produção que acontece a partir dos encontros com o outro social, entendido como tudo aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver.

Deste modo, é possível aos pesquisadores manterem-se no campo, em contato direto com as pessoas e seu território existencial, afetando e sendo afetados nos encontros com os participantes, em uma relação na qual produzam subjetividades.

A partir desses efeitos do pesquisar sobre o pesquisador e o campo é que são traçadas as metas, cartografando processos durante o percurso, ao inverso do método tradicional, que caminha em direção a metas pré-fixadas (Passos & Barros, 2009).

Utilizamos como método nesta pesquisa a cartografia. Esta é, portanto, entendida como “um método segundo o qual toda pesquisa tem uma direção clínico-política e toda a prática clínica é, por sua vez, intervenção geradora de conhecimento” (Passos & Barros, 2009, p. 26).

Em função dessa perspectiva teórico-metodológica, trata-se aqui de cartografar os encontros, sendo os pesquisadores participantes ativos desse processo. Não há, sob esse prisma, sentido em buscar uma neutralidade nem nas atuações desenvolvidas e nem mesmo nas escritas que se seguem. Os processos de escritas são ainda a própria produção da pesquisa.

Partindo dessas concepções, essa investigação só foi iniciada após aprovação de projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Faculdade de Jaguariúna, sob parecer nº 009/2013. Além disso, foi apresentado, esclarecido e assinado o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas com Seres Humanos* com cada um dos idosos que se disseram interessados em participar da investigação. Após a concordância e assinatura do termo, em duas vias, as pesquisadoras iniciaram os procedimentos da pesquisa.

Oficinas: espaços de encontros e movimentos

Oficinas são locais de encontro, e funcionam como estratégias que possibilitam transformações. Neste contexto, oferecem-se como um território coletivo e inventivo, como práticas de subjetivação reveladoras de potências criativas, acionando processos de produção de subjetividades.

Tornam-se importantes agenciadores de um campo de experimentação, de trocas intensivas entre forças coletivas interessadas em participar das ações de modo a compor e transformar os corpos, a partir dos afetos que se dão nos encontros.

Esta estratégia já fora referenciada por Correa (2000), apontando que, o fazer compartilhado de oficinas, realizadas em instituições educacionais e sociais com crianças e adolescentes e sobre diferentes temáticas, foi capaz de trazer à tona vivências dos participantes e suas diferentes visões do mundo, possibilitando trocas e a produção de novos sentidos e saberes.

Essa pesquisa se deu a partir de oficinas de dança e movimento corporal que foram capazes de produzir afetos e subjetividades, modificando a relação com os corpos e produzindo mudanças no mundo, tendo, portanto, uma dimensão clínica e poética, na efetivação de uma clínica poética.

Os procedimentos e a proposição das oficinas enquanto clínica poética foram desenvolvidos a partir dos estudos de pesquisas, como as apresentadas nos trabalhos que têm sido desenvolvidos em centros de pesquisa tais como os da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP; da Universidade do Estado de São Paulo – Assis/SP; da Universidade Estadual de Maringá/SP e da Universidade Federal Fluminense – Niterói/RJ, experimentando e criando estratégias clínicas, pautadas nos referências filosóficos de Deleuze e Guattari; além da realização e publicação de trabalhos clínicos envolvendo práticas artísticas e corporais (Passos & Barros, 2000; Peres, Borsonello, & Peres, 2000; Parpinelli & Souza, 2005).

Sendo assim, foram realizadas quatro oficinas de movimento corporal como estratégia, partindo de um planejamento e realizando um encontro semanal com um grupo de idosos de um Centro de Convivência. Estas foram pensadas previamente pelas pesquisadoras, em três momentos: entrevistas iniciais, oficinas e entrevistas finais.

A partir da delimitação dos momentos, produzimos os roteiros das entrevistas e as oficinas foram pré-planejadas, levando-se em conta os temas e técnicas que pretendíamos abordar em cada encontro.

Propusemos a realização de entrevistas iniciais e finais, visando cartografar as relações dos idosos com os corpos antes e depois de participarem das oficinas de movimento.

As entrevistas iniciais foram realizadas individualmente uma semana antes de dar início à primeira oficina, em uma sala privada na própria instituição. As pesquisadoras iniciaram uma entrevista aberta, partindo de um roteiro que continha questões sobre: a relação atual do idoso com o corpo; a relação atual que o mundo (a mídia, as pessoas, o consumo) tem com o corpo; e as expectativas quanto às oficinas, que propunham relações com o corpo, através de dança e movimento corporal.

Estas mesmas questões foram retomadas nas entrevistas finais, na semana seguinte à última oficina, nas quais procuramos compreender as relações do idoso com o corpo e com o mundo, após terem participado de oficinas de movimento, assim como seus sentimentos, pensamentos e percepções de mudanças a partir desta experiência.

As oficinas foram planejadas com base nos seguintes temas pré-definidos: primeiramente, seria levantado, no grupo, a questão sobre o que é corpo, buscando provocar um pensar sobre suas relações com o corpo e desse com o mundo; em seguida, problematizaríamos a questão do

corpo do idoso na sociedade atual; a partir disso, proporíamos a vivência de cada parte do corpo, explorando suas possibilidades e proporcionando a interação entre os participantes, através do movimento corporal e da improvisação de movimentos; e, por fim, pretendíamos refletir e discutir sobre as transformações que foram possíveis ou não, sobre a relação com o corpo e com o mundo após este processo, abrindo espaço para as impressões dos participantes e finalizando as oficinas em grupo.

Diante do que foi vivenciado e percebido pelos participantes e pesquisadores na primeira oficina, foram pensados os procedimentos das seguintes e, a cada oficina, as próximas eram pensadas, partindo do que foi vivenciado na anterior. Precisamos nos moldar ao campo, o campo foi se moldando a nós, às necessidades e capacidades dos corpos, imaginárias e objetivas, exploradas nas práticas.

Apesar das oficinas serem pensadas e planejadas previamente, estas foram conduzidas pela dinâmica das forças presentes, abertas ao que os corpos se dispunham a experimentar, diante do que brotou a partir dos encontros e dos campos de afetos.

Espaços de Encontro

Em um primeiro momento, as oficinas seriam realizadas com idosos que frequentam uma Faculdade da Terceira Idade, porém, devido a uma incompatibilidade de horários entre instituição, pesquisadoras e sujeitos, optamos pela aplicação da pesquisa em um Centro de Convivência de Idosos.

Percebemos a importância de trabalhar a relação desse grupo de idosos com o corpo, a partir de observações, prévias à pesquisa, destes em atividades habituais, dos problemas de relacionamento entre eles e através de conversas informais com os idosos e profissionais desta instituição. Assim, observamos a demanda em atuar de modo a explorar as potencialidades desses corpos, dando outras existências às visões redutivas das mídias e das concepções dominantes, muitas vezes adotadas por eles, acerca dos ideais de beleza, de saúde e eficiência de corpos tidos como desejáveis.

O primeiro procedimento realizado em campo foi a entrevista inicial, com aqueles que demonstraram interesse em participar do processo. Posteriormente foram realizadas quatro oficinas e, em seguida, a entrevista final.

As oficinas foram realizadas em uma sala ampla da instituição, onde acontecem alguns eventos internos. Utilizamos tapetes, que foram dispostos no chão próximos aos bancos para criar um ambiente mais acolhedor e possibilitar aos idosos a utilização dos planos baixos e do chão durante as oficinas.

Construção dos dados

Utilizamos como dados da pesquisa observações, desenhos e relatos das entrevistas e os que ocorreram durante o processo, além de diários de campo das pesquisadoras.

Ao final de cada oficina, esses diários de campo foram construídos pelas pesquisadoras, contendo o relato de informações objetivas, uma descrição detalhada da atividade, assim como as impressões sobre os encontros entre pesquisador e campo, buscando “captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos” (Barros & Kastrup, 2009, p. 70).

No planejamento das oficinas, inicialmente, as pesquisadoras idealizaram a aplicação de desenhos ao final de todos os encontros. Porém, ao longo do processo, e a partir da forma como os

participantes foram sendo afetados pelos encontros, decidiu-se por apenas um desenho no primeiro encontro, utilizando, então, as expressões verbais e relatos dos participantes para o mapeamento destes afetos.

As entrevistas iniciais e finais foram anotadas em seu percurso e, após cada entrevista, transcritas pelas pesquisadoras, tornando-se um importante objeto de análise.

As oficinas foram divididas em três momentos: relaxamento, movimento entre corpos e acolhimento. Percebemos que essa organização contribuiu para o bom andamento da pesquisa, sendo que o primeiro permitiu que fossem criadas condições para uma maior abertura dos corpos aos encontros da oficina, através de diálogos com as pesquisadoras e exercícios de relaxamento e respiração. Já no segundo momento apresentaram-se técnicas e práticas de danças e a vivência do corpo em movimento, produzindo encontros criativos; e, ao final, os participantes foram acolhidos naquilo que os afetava e que afetavam, possibilitando algum tipo de expressão desses afetos e atualizações e ressignificações de memórias.

Iniciamos a primeira oficina na semana seguinte às entrevistas. Esta foi construída e idealizada pelas pesquisadoras, que criaram um plano prévio de ação. Este plano visava cartografar a relação com o próprio corpo nas relações com o mundo, com o cotidiano e entre os corpos, iniciando com um exercício de relaxamento, alguns exercícios de movimentos corporais seguidos de desenhos. Ficariam livres para dançar entre os planos baixo, médio e alto; então, desenhariam novamente as novas reverberações vivenciadas, encerrando o primeiro encontro. Esse era o programa, que criamos com a perspectiva de mobilizar os corpos, diante do que eles traziam dos processos vividos e de aberturas às intervenções que poderíamos disparar nos encontros.

Ao chegarmos ao campo e propormos que se sentassem no chão, presenciamos verbalizações sobre problemas de saúde limitantes. Os participantes apresentaram questões relacionadas ao corpo doente, diziam “não dar conta” e acentuavam suas limitações físicas, chegando a dizer que havíamos escolhido o lugar e as pessoas erradas para fazer esse trabalho.

Durante esses primeiros momentos, a partir das verbalizações e das posturas corporais com olhares baixos e corpos encurvados, percebemos que havia uma acomodação muito grande por parte dos participantes e um forte sentimento de impotência, que nos afetou com a mesma intensidade com a qual foi emitida. Esse clima criado pelos discursos e pelas expressões dos corpos produziu uma sensação de que aquele trabalho não seria possível naquele local e com aquele público.

Decidimos persistir na ideia e continuar ali. Falamos sobre nossos desejos, enquanto pesquisadoras, de conhecer esses corpos que nos contavam e discutimos no grupo as possibilidades dos corpos, aquilo que permitissem a todos participarem, atendendo àquilo (que até então acreditavam) que podiam fazer. Essa renegociação ganhou a funcionalidade de intervenção, reafirmando a proposta do método da cartografia e da pesquisa-intervenção. Desviamos os discursos do que é mais costumeiro com relação aos idosos, o foco no adoecimento, na limitação, colocando esses fatores como um potencializador dos encontros que estávamos construindo. Buscamos colocar os focos nas potências dos corpos, forçando-os um pouco para saírem daquele discurso, e não em déficits.

A sugestão, então, foi que, aqueles que pudessem se sentar no chão, o fizessem e, quem não conseguisse fazê-lo, poderia permanecer nos bancos.

Deste modo, foi necessária uma grande flexibilidade das pesquisadoras para adaptarem-se a um cenário imprevisto, construindo novas formas de cartografar a relação com o corpo. O programa sofreu alterações e começamos a compor com os processos que já se apresentavam presentes, produzindo desvios e intervindo nos discursos com relação à condição contemporânea

dos corpos idosos difundida pelas mídias ou mesmo nos discursos focados em uma saúde idealizada, enfatizando a falta e as limitações em relação a um modelo que não se apresentava presente.

Iniciamos a primeira oficina com o relaxamento e o exercício de respiração, nos quais os participantes foram convidados a fechar os olhos, relaxar e observar o corpo, voltando a atenção para a respiração, os batimentos cardíacos, os toques e sensações do corpo, como proposta de abertura dos corpos ao que estava sendo vivenciado na oficina. Em seguida, realizaram movimentos que exploravam cada parte do corpo, membros, tronco e articulações, utilizando a música e a dança oriental árabe e apresentando outros movimentos, que compunham com os corpos dançantes.

Decidimos não utilizar os desenhos no meio da oficina pela ausência de mesas e cadeiras no ambiente que pudessem servir de apoio. Ainda assim, ao final, os participantes foram convidados a se deslocar para outro espaço com mesas e cadeiras, onde puderam expor seus afetos em palavras, a pedido das pesquisadoras, e no papel, utilizando lápis de cor, grafite e canetinhas coloridas, sendo o momento de acolhimento. Em seguida, falaram sobre os desenhos com uma das pesquisadoras, individualmente, sendo estas falas e imagens peças fundamentais para a construção das próximas oficinas. Utilizaram imagens de folhas, flores e frutas nos desenhos e oralmente e estes elementos foram trazidos para a prática nas oficinas seguintes, incorporando os sentidos de vida apresentados pelos participantes e apostando nas sensibilidades que esses materiais abririam nos corpos ao provocar novos encontros³.

Na segunda oficina, inicialmente os participantes ficaram livres para sentarem-se nos bancos, deitarem ou se sentarem no chão para o momento do relaxamento. Foram orientados a posicionar-se confortavelmente, convidados a fechar os olhos e fazer um exercício de respiração, no qual o ar preencheria cada parte do corpo, à medida que inspiravam, esvaziando o corpo na expiração. Assim como na primeira oficina, a música árabe trouxe uma atmosfera dançante. Foram conduzidos a um caminhar e a movimentos exploratórios do espaço e dos corpos presentes. Os encontros com outros corpos criaram conexões, que provocaram falas, risos, toques e abraços espontâneos. Neste movimento, os participantes foram convidados a formar duplas, escolhendo um lugar da sala para ficar e se comunicar sem palavras, através do olhar, sem usar a voz.

Com as mãos unidas, começaram a se movimentar ao som da música, explorando as possibilidades de movimento das articulações, descobrindo movimentos adormecidos e mesmo desconhecidos. Nesse movimento, caminharam com a dupla, formando uma dança, até se separarem, se unindo novamente em uma roda, girando e se movimentando nessa formação. Mantendo o círculo, porém com as mãos desunidas, os participantes fizeram um movimento, um por vez, que foi reproduzido pela pessoa que estava à direita na roda, acrescentando um movimento próprio e assim por diante até que todas as pessoas criassem um movimento.

Passamos, então, todos juntos, a repetir os movimentos, ao ritmo da música, na ordem aprendida, e depois cada um à sua maneira, livremente.

Ao final, entregamos frutas aos presentes – maçã, banana, carambola e mexerica – com as quais dançaram e se relacionaram, explorando os sentidos e memórias, com um comando de não poderem comer a própria fruta, podendo, somente, experimentar aquelas que pertenciam aos demais. As pesquisadoras procuraram provocar o apetite, dando sugestões ligadas às sensações gustativas. Posteriormente, experimentaram todas as frutas, inclusive as suas.

As frutas foram incorporadas ao processo, a partir de suas aparições nos desenhos

3 A utilização desses objetos no trabalho será descrita a seguir, no relato das oficinas. As escolhas de incluir esses objetos nas oficinas se deram inspirados nos trabalhos artísticos de Lygia Clark, chamado Estruturação do self pesquisados, nas perspectivas clínicas, por Suely Rolnik (2006).

da primeira oficina, com a intenção de corporificá-las, observando a forma como os idosos se relacionavam com estas e com a emergência de aspectos relacionados às relações com os corpos, com a oralidade, permitindo que estas fossem vivenciadas na relação com o outro.

Percebeu-se que participantes e pesquisadoras foram fortemente afetados na relação com as frutas, gerando um estranhamento no envolvimento dos participantes e certos desconfortos nas pesquisadoras. A intensidade dos afetos provocou mudança no que fora planejado para o encerramento da oficina, que seria uma produção de desenhos. Não houve diálogo sobre as ressonâncias da oficina entre as pesquisadoras e os participantes, acabaram de comer as frutas e saíram da sala, finalizando a oficina. A atmosfera produzida pelas relações entre corpos e frutas, o comer a fruta do outro, a vontade de comer disparada pelas sugestões impossibilitou as falas, as palavras faltaram para aquele momento.

Esses afetos levaram a não realização da terceira oficina na semana seguinte, como uma decisão das pesquisadoras, devido à sensação de que havia a necessidade de um maior espaço de tempo entre as oficinas, que permitisse a produção de sentidos acerca dos afetos provocados pela experiência.

Para a terceira oficina, planejamos conversar sobre os afetamentos do encontro anterior, e assim aconteceu logo no início do trabalho. Depois da conversa, introduzimos o exercício de respiração e relaxamento, assim como nas oficinas anteriores. Ainda neste processo inicial, foram retomadas memórias corporais dos outros dois encontros, as quais cada um dos participantes expressou com uma postura corporal, que foi tencionada e relaxada, permitindo emitir sons nesse relaxamento.

Foram entregues pedaços de tecido aos participantes, que, em duplas, tocaram uns aos outros através dos tecidos e, depois, a si mesmos, conduzidos por uma música árabe. Trocaram os tecidos, dançaram e se relacionaram com eles, sentindo a textura, tocando cada parte do corpo com eles, enquanto caminhavam pela sala.

Apostamos no trabalho com os tecidos, a fim de possibilitar uma abertura dos corpos ao encontro com os objetos, entendendo que estes também são corpos que afetam e que possuem forças, buscando outras formas de se relacionar, através do tato, de gestos e texturas, da leveza e maleabilidade, que permitiam aos corpos que se abrissem para essas sensações.

Fizemos uma pausa nos corpos e na música, com os olhos fechados, atentos ao próprio corpo e às sensações. Foram entregues pétalas de rosas nas mãos de cada participante e jogadas sobre eles. Eles podiam dançar com elas e fazer o que quisessem, utilizando os movimentos, sons, tecidos e pétalas, livremente.

As pétalas foram trazidas para a oficina em função do conteúdo apresentado nos desenhos e nas falas da primeira oficina, por isso, as pesquisadoras utilizaram-se desta estratégia, possibilitando a vivência real deste corpo floral, suscitando memórias e afetos neste encontro.

Ao final, abrimos espaço para que os participantes pudessem expressar seus sentimentos e impressões vivenciados na oficina. Verbalizaram reflexões acerca de seus comportamentos, preocupações familiares e memórias emocionadas, sendo acolhidos pelas pesquisadoras.

Na quarta e última oficina, planejamos um encontro menos direcionado e mais livre, utilizando tecidos, pétalas e frutas, objetos com os quais já haviam se relacionado, além de um novo elemento: folhas secas.

Iniciamos novamente com o exercício de respiração e relaxamento e, ao abrirem os olhos, se depararam com esses quatro grupos de objetos, dispostos em bandejas, no chão, uma em cada extremidade dos tapetes. Os participantes foram questionados quanto àquilo que estavam

observando e as pesquisadoras sugeriram que caminhassem até aqueles objetos, convidando-os para dançar. Poderiam escolher aqueles que quisessem e fazer o que desejassem com eles. Isso foi pensado pelas pesquisadoras, de maneira a possibilitar que os participantes se relacionassem com objetos trazidos nos desenhos da primeira oficina já vivenciados nesse trabalho nas oficinas anteriores, de maneira a produzir novos encontros e formas de relação com esses corpos, além de outros desconhecidos, que apareceram como provocadores àquilo que foi apresentado nos desenhos anteriormente: as folhas secas.

Os participantes escolheram os objetos, caminharam com eles, comeram as frutas e sentaram-se nos bancos, espontaneamente, um de cada vez. Sentados, alguns fecharam os olhos, outros olhavam e manuseavam os objetos. Permaneceram ali por alguns minutos e as pesquisadoras os orientaram a perceber as sensações no corpo, ficando livres para satisfazer aquilo que seu corpo pedia. Perguntou: “o que se quer fazer?”. Os participantes apresentaram voluntariamente ao grupo seus desejos, memórias, histórias de vida e sentimentos, relacionando-os à escolha dos objetos. Em relação às folhas secas, estas foram associadas à velhice e a si mesmos e à proximidade da finitude da vida.

Verbalizaram sobre a experiência das oficinas, ressaltando suas vantagens e os afetos mobilizadores provocados. As pesquisadoras abriram espaço para quem quisesse falar sobre aquilo que estava sentindo e pensando, e também apresentou suas impressões diante do grupo, incentivando-os à busca pelas potencialidades dos corpos.

Finalizamos a oficina devolvendo os objetos em seus lugares. As pesquisadoras permitiram que, quem quisesse, levasse consigo as pétalas e folhas secas. Sugeriu que, nesse movimento de levar e deixar, os participantes pensassem naquilo que foi vivido como potente, levando-o para a sua vida, e, ao contrário, deixassem ali aquilo que vivenciaram de maneira despotencializante.

Ao falar com os participantes sobre o corpo, este foi associado por eles ao corpo físico, às limitações e doenças, influenciadas por visões médicas, pautadas em uma terapêutica centrada nas doenças e não nas potencialidades, conforme já havia observado Breton (1995). Inicialmente, os idosos buscavam nas oficinas um espaço de atividade física, para movimentar o corpo e melhorar a saúde física; porém, encontraram muito mais um trabalho de sensibilização e produção de novas relações com o próprio corpo e os corpos dos outros.

Com relação aos que se envolveram na pesquisa, começamos as entrevistas com dez participantes, sendo que dois deles não participaram de nenhuma oficina. Ao total, passaram pelas oficinas 14 idosos, sendo que: cinco participaram de apenas uma oficina e não fizeram a entrevista inicial, e, dos demais, cinco participaram de apenas uma oficina, seis de duas oficinas, um compareceu a três oficinas e dois participaram de todo o processo. As entrevistas finais foram realizadas com seis idosos. Também houve aqueles que interromperam sua participação durante as vivências ou que passaram por lá apenas para observar.

Após as entrevistas iniciais, no decorrer das oficinas, participando apenas de uma oficina e abandonando-as ou retornando ao final do processo, percebemos esses movimentos como indicadores da existência de potências criativas nesses corpos, pois, de alguma forma, entraram em contato com elas ao desejarem fazer parte do processo, mas não seguiram e se envolveram de maneira que nos permitisse analisar todos os participantes. O critério que optamos para fazer análise do processo de investigação se deu ao final da construção dos dados, considerando os imprevistos e as adaptações que a investigação necessitou fazer durante o percurso. Diante disto, criamos o critério de análise apenas dos seis participantes que estiveram em pelo menos duas oficinas e na entrevista final. Além disso, os dados das entrevistas iniciais também foram analisados. Esta escolha de critério de análise se deu considerando que a produção de subjetividade, de

corporeidades e de discursividades acerca dos corpos e da condição de idosos configura-se em um processo coletivo de enunciação, o que nos permite pensar mais na produção que os momentos da pesquisa agenciaram a partir dos encontros do que nos indivíduos enquanto sujeitos isolados.

Resultados e discussão

Através dos relatos dos participantes nas entrevistas iniciais e nas primeiras oficinas, constatamos a efetivação de uma visão dos idosos participantes acerca da fragilidade dos corpos dos idosos, apresentando-os como doentes, impotentes e improdutivos, ressaltando aquilo que o corpo não pode mais, as faltas e as ineficiências. Descreveram a relação com o corpo na entrevista inicial: *“sou cardiopata e tenho várias pontes de safena”* (S1); *“me sinto bem, uns dias com dor, outros sem”* (S3); *“a saúde está tudo bem, agora que tomo remédios”* (S4); *“gosto do meu corpo, o único problema é que tenho bico de papagaio e artrose”* (S5).

Também relataram sentimentos de afastamento do padrão de beleza midiáticos e os desejos de pertencimento à sociedade, que valoriza a adaptação dos corpos a esse padrão estético. Apontaram: *“gostaria de ser mais magra, mas tenho dificuldades de emagrecer ...”* (S6); *“só quero melhorar a barriga”, “não posso usar vestido, por causa da barriga”* (S8). Em relação à visão da mídia sobre o corpo, S6 afirmou: *“O que mostra é mulheres altas, esbeltas”*. Quando questionados sobre o que achava dessa visão, completou: *“Acho que é o certo, concordo que tem que ser assim”*.

Há, nesses depoimentos, a efetivação do “inconsciente maquínico” ligado ao consumo de uma imagem ideal, que alimenta todo um mercado estético, tal qual conceituado por Guattari e Rolnik (1986), que se constrói sobre a exigência dos corpos de produções de subjetividades, que se componham à sociedade, sobre pilares capitalísticos.

À medida que foram se desenvolvendo os trabalhos com as oficinas de movimento, ocorreu uma processual desconstrução dos discursos vitimizados, em especial daqueles idosos que participaram de todas as oficinas oferecidas, sendo que, ao final, apresentaram, nas entrevistas finais e na última oficina, uma relação modificada com o corpo, não mais sendo tão acentuadas suas limitações físicas, mas sim enfatizado aquilo que conseguiram conquistar e que descobriram que conseguiam fazer – as potências dos corpos. Referiram: *“me sinto mais disposto, (...) foi um incentivo para eu tomar algumas iniciativas”, “percebi que a gente tem potencial, só que não usa”, “aprendi que preciso ser mais firme em minhas colocações”* (S1); *“me sinto com mais vontade de participar das atividades”* (S9); *“não é porque a gente tem idade que vai desprezar outros conhecimentos”* (S7).

Foi, ainda, apresentado nos encontros, nos relatos, nos desenhos e nas entrevistas atualizações de memórias, sobretudo da infância, que remeteram ao corpo jovem, carregado de potência de vida, que nos mostra ter sido possível o contato com essa potência. Relataram: *“me lembrei de quando eu era criança e a gente brincava no sítio, subia nas árvores ... era muito gostoso”* (S11); *“quando eu era pequena, a gente andava no pau de arara, não tinha encosto igual esse banco”* (S9); *“estou aqui me lembrando de algumas ‘loucuras’ que já fiz”* (S1).

Observamos, assim, a abertura dos corpos a uma produção de subjetividades, através dos encontros dos corpos em movimento nas oficinas, percebidos nas construções de novos conceitos acerca das constituições individuais e coletivas, que levam a novas formas de se relacionar com os corpos e com o mundo como nos propõe pensar Guattari (1992).

Apontam para reverberações de um processo que impulsiona e estimula vontades de se colocarem como seres ativos na sociedade e na própria vida, modificando as concepções criadas pelas visões midiáticas sobre o corpo idoso, que assim, deixa de ser improdutivo, passa a agir,

percebendo suas capacidades criativas e as potencialidades de suas produções. Nas palavras de um dos participantes na entrevista final: *“Não é por sermos idosos que somos inválidos, existe muita coisa que podemos fazer em benefício próprio e da sociedade”*.

Apesar da observação de mudanças construtivas nos corpos, também ocorreram variáveis movimentos de desistência de alguns participantes. Após as entrevistas iniciais, no decorrer das oficinas, participando apenas de uma oficina e abandonando-as ou retornando ao final do processo, percebemos esses movimentos como parte dos processos que ora se insinuam e ora regridem, anunciaram um desejo de fazer parte de conhecer o que se passava ali, mas não conseguiram seguir adiante e se envolver de maneira que se permitissem relacionar com esse novo corpo que surgia. Podemos aqui considerar o próprio processo aberto ao novo como algo que desterritorializa e que pode ser paralisado por medos e inseguranças, por crenças de incapacidades e improdutividades já muito incorporadas.

Esta dinâmica também foi percebida nos esquecimentos daquilo que foi experienciado, sem deixar, é claro, de considerar a influência das debilidades neurológicas envolvidas. Quando as pesquisadoras pediram na entrevista final e nas oficinas que relembassem o que fora vivido nos encontros e descrevessem os afetos provocados nos corpos, alguns participantes disseram não se lembrar e confundiram com dinâmicas realizadas por outros profissionais da instituição. Em um dos momentos, as pesquisadoras iniciaram uma das oficinas retomando as vivências da anterior, na qual foram trabalhadas as relações com as frutas, a partir das memórias dos participantes. A memória do encontro foi resgatada, com a ajuda das pesquisadoras, até o momento que as frutas entraram em cena, sendo que nenhum dos participantes conseguia se recordar deste momento, ainda que as pesquisadoras dessem dicas, como *“foi-lhes entregue algo, com o qual dançaram, (...) sentiram a textura (...), o cheiro, (...)”*. Quando, enfim, se recordaram, poucos conseguiram expressar suas afetações, se prendendo em opiniões superficiais, como *“foi bom”* e *“eu gostei”*.

Assim, percebeu-se também a dificuldade de entrar em contato com um corpo íntimo, que propõe relações com *“a fruta do outro”* e com *“a própria fruta”*, em um movimento que provoca e insinua a vivência das relações entre os corpos. Deste modo, aqueles que retornaram às oficinas depois de ausências, pareceram ter precisado de uma pausa, de um tempo para digerir e acreditar nas potências do corpo, se abrindo aos afetos e às transformações, através do trabalho corporal. Duas delas, que participaram da primeira e da última oficina, justificaram suas faltas: *“eu não vim porque eu estava jogando (...) depois eu voltei porque me deu vontade”* (S9) e *“nos outros dias eu não vim por causa da dor na perna, mas hoje [última oficina] eu vim porque eu sei que é bom”* (S7).

Segundo Gil (2004, p. 197), *“entrar no movimento dançado (...) é deixar-se impregnar pelo movimento da atmosfera que transporta os corpos”*. Para ele, há dois devires da dança, sendo que o primeiro coloca o bailarino no *“estado de dança”* e, a partir daí, um segundo devir que *“convoca os poderes de metamorfose do corpo”* (Gil, 2004, p. 197). Gil (2004, p. 197) afirma que *“já não se trata de ‘entrar’ na dança, mas de se construir o seu próprio plano de imanência”*.

Assim, os participantes se permitiram a um estado de dança, ao aceitar a participação no processo, se envolveram na relação com esse corpo ainda desconhecido, que de alguma forma amedrontava os que se dispuseram a essa busca.

Durante as oficinas perguntavam *“já está acabando?”*, *“vai demorar?”*, e justificavam-se das mais diferentes maneiras, como *“preciso ir ao banco”* ou *“tenho que fazer fisioterapia”*. Muitas vezes, o próprio grupo tentava convencer as tentativas de desistência a permanecerem ali, desconstruindo suas justificativas. Diziam, por exemplo: *“mas você pode ir ao banco depois!”* ou *“mas você pode fazer fisioterapia outro dia; a fisioterapeuta vem todos os dias e essas oficinas são só uma vez por semana”*.

Diante dos relatos e das relações construídas entre os participantes, houve, durante o processo de investigação, a produção de modificações das relações que estes estabeleciam com os corpos e entre os corpos, novos modos de atuar coletiva e institucionalmente, produzindo intervenções entre eles, como as citadas acima, de que poderiam ficar na oficina e deixar outros afazeres para depois. Além disso, o trabalho abriu os corpos a relações com o próprio corpo e com os outros corpos que antes não estavam dadas, de terem atividades não só ligadas às doenças e às prevenções destas como apresentadas na primeira oficina em discursos e dificuldades, mas também criando aberturas vinculadas à produção da vida e de uma saúde como podem ser verificadas nas falas que apresentaram atualizações de memórias de como eram os corpos no passado e a capacidade de se movimentarem e dançarem como ocorreu no decorrer das oficinas, capacidade esta desacreditada em um primeiro momento.

Frente a estas constatações, as oficinas e os encontros ganharam funcionalidades clínicas, produziram poéticas nos corpos com novos movimentos e novas expressões, produzindo corporeidades e subjetividades, colocando em movimento os ideais midiáticos de corpos eficientes e afirmando as potências corporais em jogo. Uma clínica poética, que conseguiu criar entre as pessoas e os objetos presentes nos encontros uma atmosfera que aumentou a capacidade dos corpos de afetar e serem afetados.

Considerações Finais

Concluimos que as oficinas de dança e movimento corporal tiveram grande influência na produção de subjetividades do grupo de idosos trabalhado, trazendo reflexões e memórias sobre a relação com o corpo e o mundo, provocando transformação nas formas de se relacionar com o corpo. Isso levou, ao menos durante o processo de vivência da dança e do movimento, a um caminhar reverso às exigências capitalistas atuais, que reduzem os idosos às suas limitações físicas e mentais, uma visão enraizada que se torna uma crença coletiva e paralisa a vida.

A experimentação do corpo, este visto sempre na relação com sistemas de eficiência ou ineficiência pela atual sociedade, quando apresentado em sua potência dançante, produziu uma clínica de desconstrução dos sujeitos-mundo vinculados aos ideais capitalísticos de corporeidades, provocando aberturas, por onde circularam forças e devires de transformação, que permitiram a criação de novas relações entre corpos e subjetividades nesse processo.

Deste modo, oficinas que propuseram o movimento de corpos em dança foram produtoras de devires que impulsionam olhares sobre a vida e as potencialidades pertencentes ao corpo idoso, que foi recriado nos encontros, produzindo novos modos de viver os corpos, os movimentos e de ver o mundo.

Junto a estes aspectos positivos da pesquisa, houve também limitações dessa investigação em função de várias atividades que existiam na instituição e que concorreram com os momentos das oficinas, além das desistências de alguns participantes e entrada de outros, de forma que o processo não ocorreu com um grupo que acompanhou inteiramente o procedimento proposto. Deste modo, sugerimos encontrar e desenvolver parcerias institucionais, vinculando as atividades propostas por futuros estudos ao quadro de atividades da instituição, o que minimizaria as ausências por concorrências. Outra sugestão seria de recrutar um número maior de participantes já considerando as desistências que ocasionalmente poderão ocorrer durante os procedimentos propostos.

Com esta pesquisa, percebemos a importância do olhar para o corpo idoso, que, mesmo envelhecido, continua em movimento de construção e reconstrução de si e do mundo, descobrindo potências, visando uma maior maleabilidade dos corpos às produções que se fazem presentes e uma reconfiguração de novas relações com os corpos, que apontou uma potência clínica.

Detectamos uma necessidade de mais estudos e trabalhos com idosos, de maneira a tentar desfigurar e refigurar suas visões limitantes sobre o corpo, libertando-os e permitindo-se libertar das amarras sociais, e possibilitando que vivenciem o corpo, potencializando a vida que lhes pertence e tenham o movimento e a dança como mobilizadores de encontros e afetos.

Referências

- Breton, D. (1995). A síndrome de Frankenstein. em D. B. Sant'ana (org.). *Políticas do corpo*. (pp. 49 – 68). São Paulo: Estação Liberdade.
- Correa, G. C. (2000). Oficina: novos territórios em educação. Em M.O. Pey (org.) *Pedagogia libertária — experiências hoje*. São Paulo: Imaginário.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Gil, J. (2004). *Movimento Total*. São Paulo: Iluminuras.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Parpinelli, R. S., & Souza, E. W. F. (2005). Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 479-487. Recuperado em 07 de setembro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300016&lng=pt&tng=pt.10.1590/S1413-73722005000300016.
- Passos, E., & Barros, R. B. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 71-79. Recuperado em 07 de setembro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100010&lng=en&tng=pt.10.1590/S0102-37722000000100010.
- Passos, E., Kastrup, V., & Da Escóssia, L. (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Meridional.
- Peres, R. S., Borsonello, E. C., & Peres, W. S. (2000). A Esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Psicologia em Estudo*, 5(1), 35-43. Recuperado em 13 de agosto de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000100003&lng=pt&tng=pt.10.1590/S1413-73722000000100003.
- Rolnik, S. (2006). Lygia Clark da obra ao acontecimento. *Catálogo publicado por ocasião da exposição: Lygia Clark, da obra ao acontecimento*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Como Citar:

Bom-Tempo, J. S., & Vitti, F. (2014). Dança-movimento em idosos: implicações no corpo e na produção de subjetividade. *Revista Brasileira de Psicologia*, 1(2).